

## A PAISAGEM URBANA: OS BAIRROS ENQUANTO LUGARES DE MEMÓRIA E EXCLUSÃO

Adriana Ferreira da Silva  
anafer\_reira@hotmail.com

<https://lattes.cnpq.br/3955581114365206>

Rafael de Souza Dias  
geo.rafael@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4940417806946475>

### RESUMO

O bairro expressa através de sua paisagem uma conexão entre passado e presente através de construções novas e antigas que demonstram a interação entre a sociedade e o espaço. Ao longo do tempo, produz um conjunto de memórias que auxiliam na compreensão da dinâmica do espaço do tempo presente. Neste trabalho buscou-se analisar o bairro enquanto lugar de identidade e exclusão social, a partir de bases bibliográficas sobre a formação e a configuração das cidades, focando nos bairros do município do Rio de Janeiro (RJ). É possível perceber que a memória envolve aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, que se expressam na forma como os bairros se constroem a partir da identidade criada com os residentes, mas também na maneira excludente com que as cidades são organizadas através das estratégias de urbanização.

**Palavras-chave:** Memória; Identidade; Cidade.

### Introdução

A memória pode ser entendida como uma parte específica do cérebro humano, que recebe e conserva informações, fatos vivenciados, cores, sons, cheiros, sabores. Essas informações se processam na mente humana e ali permanecem ao longo da vida. Um exemplo disto é a memória dos idosos que capta lembranças da infância, da escola e de diversas fases da vida em tempos distintos.

De acordo com Bergson (1999), existem dois tipos de memória. A primeira seria a memória-hábito, que faz parte do nosso adestramento cultural. Esta é a memória que se fixa pela repetição e envolve os aprendizados costumeiros (falar, escrever, dirigir, comer) e as regras de convivência (não é preciso apenas saber falar para ser compreendido, é necessário saber articular as palavras, as normas específicas de escrita). São hábitos

que, depois de exaustivamente praticados, nem nos damos conta de que são elementos da nossa memória e que, em algum momento, foram apreendidos.

A segunda seria a imagem-lembrança, que é acionada e evocada pela memória e reflete momentos singulares ao sujeito. É a lembrança da infância que surge ao sentir-se um aroma ou um sabor, por exemplo, e que leva o sujeito a relembrar não apenas o elemento em questão, como também aquele momento social que o cercava quando experimentou essa mesma sensação há anos. Ou seja, a memória não guarda somente os fatos, como tudo aquilo que os sentidos podem captar.

Além disso, os vestígios físicos do passado: construções antigas, monumentos naturais, esculturas podem ser entendidos como memória, pois, de acordo com Bosi (1994) a memória pode ser representada a partir da conservação ou elaboração do passado. Um olhar atento à paisagem da cidade permite captar elementos que projetam o passado em um espaço modificado pela humanidade ao longo do tempo. Isso pode estimular recordações sobre o passado do local e fatos vividos naquele ambiente.

Neste texto analisaremos como os bairros se configuram como lugares, ao marcarem a identidade e trazerem o sentido de pertencimento aos moradores, ao mesmo tempo em que, no mosaico urbano, podem se caracterizar como espaços de exclusão social e ambiental.

## **O BAIRRO ENQUANTO LUGAR: MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE**

A noção de percepção é necessária à medida que a memória possibilita ao indivíduo recordar o passado a partir das ideias e acontecimentos de hoje. Pode-se definir a percepção como capacidade de apreender algo por meio dos sentidos e da memória. Essa definição torna-se importante porque a memória está diretamente ligada a todos os sentidos e não somente ao cérebro.

Claval (2007) afirma que a memória é desenvolvida a partir da ginástica do olhar que se apoia em procedimentos verbais que ensinam a recortar o campo visual. Uma simples observação da paisagem local (a praça, a rua e outros podem ser referenciais de memória), pois os lugares mais próximos ao indivíduo estimulam o ato de recordar a partir das experiências vividas naquele lugar.

Abreu (1998) enfatiza que a memória envolve a recuperação da história do e no lugar. A memória do antigo morador do bairro pode servir como instrumento de recuperação de antigas paisagens e fragmentos do espaço que foram modificados a partir da atuação dos atores sociais.

Podemos dizer que a memória, como representação de um grupo social, é fonte legítima de informação e reconstrução dos acontecimentos que repercutem na história da sociedade. Quando utilizada como fonte de informações histórico-sociais, pode revelar aspectos desconhecido de eventos conhecidos ou desconhecidos em seus relatos e essa é a principal característica que faz da memória uma fonte diferente de todas as outras. (ALMEIDA, 2001, p.42).

Sendo assim, a memória precisa ir além do saudosismo para interligar discussões do passado ao tempo presente. Uma vez que o ser humano interage com o meio ambiente ao longo do tempo. Daí surge a noção de pertencimento ambiental, que pode ser compreendida como o elo que nos liga ao meio natural.

Dessa forma entende-se o ser humano como parte do ambiente, porém, a ausência desse sentimento pode levar o indivíduo a atitudes depredatórias. As atitudes do ser humano decorrem não apenas de sua visão de mundo, pois a atitude é uma postura cultural que é enraizada a partir dos diversos modos de vida que a sociedade produz ao longo do tempo (TUAN, 1980).

As cidades apresentam uma variada gama de manifestações culturais que nos propiciam diversas leituras. No entanto, esses ambientes tomam e retomam as suas formas de acordo com o ritmo da dinâmica territorial.

Dessa forma, o espaço local possui as marcas do passado que estão incorporadas ao presente. Segundo Holzer (2017) são edificações concebidas e construídas a partir de marcas e matrizes mais próximas do cotidiano das pessoas. Em função disto, os bairros possuem aspectos diferenciados conforme as suas funções do passado e do presente e, no entanto, são elementos que conforme Soares (1990) contribuem para dar ao bairro a sua originalidade.

Neste sentido, é necessário considerar que apesar disto, esta unidade é afetada pela dinâmica geral das cidades, pois Paes (2015) afirma que durante o movimento de preservação e valorização da memória das cidades, estas se modernizavam e negavam o

antigo, destruindo as edificações históricas para atender às demandas do mercado imobiliário.

Neste quesito, Teixeira e Machado (1986) afirmam que a cidade é um conjunto de bairros que possui sua fisionomia marcada pela resultante das suas funções, de seus habitantes e sua idade. Isso permanece na estrutura do bairro ao longo do tempo e se destaca em meio à paisagem que é constantemente produzida a partir das mudanças que ocorrem no espaço geográfico. Por esse motivo, “as indicações funcionais que devem ser observadas estão escritas nos utensílios, nas casas ou nas paisagens, pois foram concebidos para certos usos por eles condicionados” (CLAVAL, 2007, p. 84).

Com isto, os elementos que segundo Soares (1990) compõem os bairros, como a altura das casas, idade e estilo das construções se tornam importantes, não apenas por conceder forma ao bairro, pois no entendimento de Claval (2007) os elementos não apenas fornecem suportes à memória funcional, mas se tornam comumente uma forma simbólica. Sendo assim, o bairro como um todo e não apenas os elementos que o compõe tornam-se símbolos históricos, pois “a geografia como realidade terrestre é o ‘lugar’ da história.” (DARDEL, 2011, p. 47).

Nesta lógica, é importante pensar que muitas paisagens urbanas tiveram suas origens em algum momento histórico das cidades, um exemplo disto, são os loteamentos que segundo Bernardes (1990) surgiram nas antigas áreas rurais da cidade do Rio de Janeiro a partir da crise no cultivo da laranja na década de 1950. E estas residências, hoje com formato “antigo”, se destacam em áreas de comércio nos bairros de Campo Grande e Santa Cruz.

Isso gera uma paisagem composta de elementos contemporâneos e antigos que resistem ao tempo. Para Ribeiro (2007), a paisagem representa mais do que o simples visível, pois representa também os remanescentes físicos da atividade humana sobre o solo. E, por esse motivo, a estética da paisagem é uma criação simbólica, construída à medida que o bairro é modelado pela dinâmica capitalista da cidade.

O papel ocupado pelas imagens nesse processo é central. São elas que mediatizam de maneira sensível a relação do sujeito com o espaço. Elas têm, em níveis diversos, uma materialidade que lhes permite funcionar como veículos de símbolos e entrar nos processos complexos de

simbolização de elementos do meio ambiente. (BERDOULAY, 2016, p.123).

São marcas importantes, pois através dos bairros torna-se possível compreender os diversos modos de usos do espaço ao longo do tempo para assim compreender suas formas, a sua organização no presente.

## **A CIDADE ENQUANTO LUGAR DE EXCLUSÃO**

As igrejas, casas antigas revelam diversos aspectos de bairros pouco valorizados historicamente em função da dinâmica capitalista que relega a memória de bairros distantes do centro da cidade a um segundo plano. Nesta perspectiva, Serpa (2010) afirma que existe a necessidade de outro olhar sobre áreas urbanas populares para sua compreensão como espaço vivido e experienciado por seus moradores.

Esses símbolos trazem a noção de tempo, que possui uma grande importância para a Geografia. O passado traz à tona a memória do lugar e “esse vínculo entre lembrança e lugar levanta um difícil problema que se tornará maior na articulação da memória e da história, a qual também é Geografia” (RICOEUR, 2007, p.58).

A memória possui relevância para a Geografia, à medida que auxilia no entendimento da construção do espaço, pois este pode expressar diversas marcas de tempos distintos e que contribuiu para a formação do espaço existente no presente. Para Delgado (2003) tempo, memória e espaço caminham conjuntamente. Essa relação é presente dentro do bairro a partir das resistências que ali se acumulam ao longo do tempo: as casas antigas, as igrejas, os prédios e monumentos que relembram uma fase do processo de produção do espaço local.

Por isso, Halbwachs (2006) afirma que a memória coletiva ocorre em um contexto espacial, pois à medida que o espaço é produzido, permanecem os rastros ao longo do tempo. Estes elementos importantes para o bairro, uma vez que estes refletem as diversas funções que a cidade possui ao longo do tempo.

Dessa forma, a noção de tempo (passado, presente e futuro) trazem à tona mais que a construção histórica do espaço, pois as diversas temporalidades ali marcadas refletem o contraste das comunidades carentes e das residências de classe média que o ocupam o mesmo bairro. A compreensão dos diversos modos de ocupação do espaço

produzidos no bairro torna-se relevante à medida que “estudar o meio geográfico também é uma condição imprescindível para o conhecimento histórico” (PIRES, 2008, p.2).

Na história da cidade do Rio de Janeiro, muitos bairros surgiram atrelados às políticas higienistas. Isso ocorreu por diversas vezes, em diversas ocasiões e em diferentes pontos, desde a expulsão da população e desmonte do Morro do Castelo às remoções no entorno do Maracanã para os jogos olímpicos de 2016.

Selecionar, de maneira intencional ou involuntária, entre o preservar e o demolir, entre o lembrar e o esquecer, faz da memória um objeto ideológico que pode garantir a preservação de símbolos, de necessidades ou aspirações de alguns grupos em relação ao seu espaço. Disso decorre que as memórias urbanas devam ser estudadas considerando as relações de força que detinham o poder no momento da sua produção e nos períodos de sua permanência na cidade, nunca esquecendo a historicidade das ações humanas que correspondem a uma visão de mundo. As cidades são, portanto, espaços de memória que assumiram e assumem para as sociedades papel de locais de referência, depositários das lembranças do passado e dos desejos do próprio futuro. (GUEDES JUNIOR, 2011, p.9)

O passado do bairro registrado nas resistências que permanecem no espaço ao longo do tempo serve de base para o entendimento deste espaço que é constantemente produzido, pois os vestígios do passado se misturam com o espaço que faz parte do cotidiano em tempos atuais. Estes monumentos ou ruínas que resistem ao tempo demonstram as contradições existentes na cidade, pois em bairros centrais os símbolos históricos são divulgados e preservados visando à atividade turística. Enquanto isso, os bairros periféricos da cidade têm suas memórias relegadas a um segundo plano, uma vez que não são valorizados para fins turísticos.

Com isso, é comum em bairros mais distantes do centro da cidade a presença de algumas residências de arquitetura antiga que sofrem com o abandono do poder público, uma vez que sua preservação não gera lucros. Por isso, o olhar da Ciência para a noção de tempo registrada nos bairros e na cidade de forma geral é importante à medida que essas heranças do passado fornecem identidade ao bairro e revelam as origens de seu atual formato. Não apenas o seu formato arquitetônico, mas também o seu formato social, pois “o interesse em sondar as formas da memória social, despertado nos anos setenta, tornou-se intenso nas ciências humanas e isto nos dá o que pensar.” (BOSI, 2003, p. 49).

O bairro através da memória ali existente tem muito a contribuir para as pesquisas científicas, pois Halbwachs (2006) afirma que o local recebe a marca do grupo que ali atua. A memória do antigo morador traz para a pesquisa as vivências daqueles presenciaram diversas fases da construção deste espaço, pois “os espaços que encontramos em nossos mundos-vividos são, acima de tudo, espaços construídos - feitos pelo homem e, conseqüentemente, comunicando intensões e significados humanos” (RELPH, 1979, p. 110).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar traz à tona a história local que se torna rica a partir da memória e da experiência de antigos moradores do bairro, pois estes são frequentadores da igreja, do mercado popular, e reconhecem as antigas construções do local. Sendo assim, a memória presente é mais do que suas formas arquitetônicas, uma vez que este é ocupado pelo conjunto de atores sociais que constantemente produzem o espaço local. Em meio a isso, é notório que os bairros guardam em sua paisagem traços históricos de algum momento do passado.

Além disso, o passado do bairro enraizado na paisagem produzida constantemente tem sua relevância quando o bairro é pensado a partir do seu contexto dentro da cidade. Uma vez que os elementos do bairro são constituídos a partir das particularidades do local. Com isso, a memória do bairro envolve a abordagem relacionada à produção do espaço e traz consigo aspectos sociais, cultural, político, econômico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras** - Geografia I série, Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf> Acesso em: 30/06/2016.

ALMEIDA, Rita de Cássia. A memória dos idosos como instrumento de avaliação dos impactos da urbanização sobre os recursos hídricos. In: FELICIDADE, Norma; MARTINS, Rodrigo Constante; LEME, Alessandro André. **Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil**. São Paulo: Editora RIMA, 2001.

BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução. PAULO NEVES. Martins Fontes. São Paulo 1999.

BERNARDES, Lysia M. C. A expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro. In: BERNARDES, Lysia M. C; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. (Orgs). **Rio de Janeiro: Cidade e Região**. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de cultura: Departamento Geral de informação e informação cultural, 1990. P.81-104.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. Ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida. N. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidade: **Revista História Oral**, V.6, p.10, Jun. 2003.

GUEDES JUNIOR, Antonio Fernando Cordeiro. Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, julho, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300876852\\_ARQUIVO\\_Entretempoeoespacocidadeememoriasocial.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300876852_ARQUIVO_Entretempoeoespacocidadeememoriasocial.pdf)

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006 [1968].

HOLZER, Werther. Ser- na- cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. **Pensando – Revista de Filosofia**, vol. 8, nº16, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAES, Maria Tereza Duarte. As cidades coloniais brasileiras: ideologias espaciais, valores histórico, urbanístico e cultural. **Revista Geographia**. V.17, n.33, 2015.

PIRES, Hindenburgo Francisco. **Reflexões sobre a contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na renovação dos pensamentos geográfico e histórico no**



**século XX.** In: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, 2008. Uberlândia: UFU, V. 1, p. 01-20. 2008.

Disponível em: [http://www.cibergeo.org/artigos/ICBHG\\_2008\\_hindenburgo.pdf](http://www.cibergeo.org/artigos/ICBHG_2008_hindenburgo.pdf) Acesso em: 07/02/2019.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia.** V.4, n.7, p.1-25, Abr.1979.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o esquecimento.** Tradução de Alain François ET al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SERPA. Ângelo. Patrimônios e periferias frente ao turismo. **Revista Geosaberes.** V.1, n.1, Maio. 2010.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. In: BERNARDES, Lysia M. C; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. (Orgs). **Rio de Janeiro: Cidade e Região.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

TEIXEIRA, Marlene P. V.; MACHADO, Rosa Maria. Conceito de Bairro – Unidade Popular ou Técnica. **Revista Anuário IGEO.** V.10, Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: <http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/2143/1903> Acesso em: 20/09/2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Difel: São Paulo, 1980.

## **SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:**

**Adriana Ferreira da Silva** é Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Possui graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Rafael de Souza Dias** é Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação Ambiental pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande e graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É tutor coordenador do curso de graduação em Geografia no polo Teresópolis (Fundação CECIERJ/Consórcio CEDERJ)